

Lésbica por convenção?

A representação da homossexualidade feminina na série *Orange Is the New Black*¹

Caroline Guerra GAGLIANO²

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA³

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da representação da sexualidade de quatro personagens lésbicas da série *Orange Is the New Black*, produzida e exibida pelo Netflix: Piper Chapman, Alex Vause, Poussey Washington e Brook Soso. A narrativa, inteiramente centrada no universo feminino, instiga reflexões sobre sexualidade e identidade de gênero das personagens, que compõem dois casais. A análise permitiu perceber que algumas das personagens, que se diziam heterossexuais antes de serem presas, passam a tentar justificar as relações homoafetivas que estabelecem dentro da prisão, como parte de um processo de aceitação para si que também é, em grande medida, para o público.

PALAVRAS-CHAVES: Representação; Sexualidade lésbica; Estudos de gênero; *Orange is The New Black*

1 INTRODUÇÃO

A série *Orange Is the New Black* (OITNB), produzida pela empresa Lionsgate Television exclusivamente para o serviço de *streaming* Netflix, é uma comédia dramática que se passa na penitenciária feminina de Litchfield, em Nova York. Com estreia em 2013, *OITNB* segue sendo produzida e conta até o momento com 52 episódios divididos em quatro temporadas⁴.

A narrativa é inspirada no livro da escritora Piper Kerman, *Orange is the new black: my year in a women's prison* (2010), que relata suas experiências em uma prisão federal de segurança mínima dos Estados Unidos. A série é desenvolvida em torno da personagem Piper Chapman, branca, classe média-alta e residente em Nova York. Aos 32 anos, noiva do personagem Larry e levando uma vida ideal perante a sociedade nova-iorquina, Chapman é condenada por um crime que cometeu dez anos antes. A

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: caroline.guerra@live.com.

³ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora e coordenadora adjunta do curso Jornalismo da ULBRA. E-mail: gabriela.mralmeida@gmail.com.

⁴ A previsão é de que a quinta temporada esteja disponível no Netflix no dia 09/06/17.

condenação, proveniente da participação no transporte de uma mala de dinheiro resultante do tráfico de drogas, ocorreu em função de uma denúncia feita pela sua namorada na época, Alex Vause, que atuava em um cartel internacional de drogas.

Criada e produzida por Jenji Kohan, uma californiana de 47 anos, a série aborda temas como racismo, homofobia, drogas e conflitos internos das prisioneiras. A estrutura narrativa de *OITNB* se desenvolve mostrando o cotidiano das mulheres na penitenciária. Ao longo dos episódios, novas personagens surgem e a série passa a compartilhar com o telespectador – em *flashbacks* – como eram suas vidas antes de entrar na prisão e que os motivos as fizeram estar lá. Cada temporada é diferente da outra, mas dependente das anteriores, pois os acontecimentos que se sucedem e as intrigas que movem a história se relacionam às trajetórias das personagens ao longo da narrativa, o que inclui sua vida antes e durante a prisão.

Um dos aspectos mais presentes em *OITNB*, considerando a centralidade do universo feminino para a trama e os estereótipos relativos à figura da “mulher detenta” que são ativados pela narrativa, é a questão da sexualidade lésbica. Assim, este artigo tem como objetivo principal compreender como se dá a representação da lesbianidade em *Orange Is the New Black*, a partir de quatro personagens femininas que compõem dois casais. Além da protagonista Piper Chapman e sua relação com Alex Vause, também será abordado o casal Brook Soso e Poussey Washington.

Em função da valorização de um olhar feminino em relação às personagens, derivado, entre outros fatores, do fato de que a criadora da série é uma mulher com especial interesse em histórias centradas em personagens femininas que agem fora da norma⁵, a sexualidade lésbica em *OITNB*, de modo geral, não é apresentada a partir da erotização do corpo feminino como forma de atender ao fetiche masculino. As personagens estão em um lugar onde são punidas por crimes que cometeram e esta punição se dá por meio da privação da liberdade, mas, ao mesmo tempo, o cárcere dá a elas a oportunidade de serem livres para exercerem a sua sexualidade sem julgamentos.

⁵ Jenji Kohan é membro de uma família fortemente inserida na área televisiva. Seus pais são Rhea Kohan, romancista, e Alan Buz Kohan, escritor, compositor e produtor e também ganhador do prêmio *Emmy* na categoria escritor para televisão em 2015. Antes de iniciar a produção de projetos próprios, Kohan atuou como roteirista colaboradora em séries televisivas como *Mad About You* (1992-1999), *Tracey Takes On* (1996-1999), *Friends* (1994-2004), *Sex and the city* (1998-2004) e *Gilmore Girls* (2000-2007)⁵. O breve levantamento de alguns dados sobre a trajetória da criadora de *OITNB* aponta o seu notável interesse pelo universo feminino. Ao criar e produzir as séries *Weeds* e *Orange is The New Black*, Kohan reforça o seu envolvimento com assuntos polêmicos e principalmente o seu empenho em dar visibilidade a inquietações de mulheres que transgridem a norma e alguns padrões morais (como bruxas, criminosas e lésbicas).

As relações dentro da prisão envolvem afeto, brigas constantes e violência em alguns momentos da trama.

O presente trabalho se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa. Inicialmente, é apresentada uma discussão teórica sobre gênero, sexualidade e representação, baseada em Guacira Louro (1997, 2007), Stuart Hall (2002), Jeffrey Weeks (1999) e Judith Butler (2010), com o objetivo de fornecer subsídios à análise proposta das personagens. Em um segundo momento, alguns trechos de episódios selecionados são analisados a partir do modelo de análise de obras audiovisuais sugerido por Francis Vanoye e Anne Goliot-Lètè (2006), a fim de verificar os fatores que evidenciam a forma como é representada a sexualidade lésbica ao longo da série.

2 APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE *OITNB*

Ao acompanhar *Orange is the New Black*, os telespectadores são guiados por um olhar “estrangeiro”, pelo ponto de vista de alguém que a série nos diz o tempo todo que não pertence àquele local: a protagonista Piper Chapman. Em um cenário onde há segregação explícita, pode-se identificar facilmente os estereótipos construídos na série e suas divisões. Dentro da prisão, existem diversos tipos: mulheres negras; brancas (em sua grande maioria suburbanas); latinas; idosas e religiosas, que apesar de viverem no mesmo lugar, evitam o contato fora de seus grupos étnicos ou de interesse.

Ainda que a prisão puna e tenha um sistema de vigilância, longe dos olhares julgadores de suas famílias e amigos, as internas não encontram empecilhos para expressar sua religiosidade, suas diferenças culturais e principalmente – como um dos eixos da série *OITNB* - suas orientações sexuais. A homossexualidade é uma prática naturalizada entre as prisioneiras, mas, na contramão disso, é proibida em Litchfield. Na prisão, o responsável por impedir o exercício da sexualidade das encarceradas é o conselheiro penitenciário, Sam Healy, que fortalece o discurso patriarcal que condena a prática da lesbiandade entre as detentas e defende o “lesbianismo circunstancial”, condição e termo criado pelo personagem que justifica a prática de sexo como necessidade humana (daí as relações homossexuais que as personagens engatam dentro da prisão, mas que não engatariam fora, na visão do personagem Healy).

Dentro de Litchfield, o que se vê é que por mais força que tenham as autoridades, ela está suspensa quando o sexo é considerado algo da ordem do natural (e

não da convenção). Pensando na prática sexual para além do prazer, pode-se dizer que as detentas veem no sexo uma forma de enfrentamento ao sistema e ao poder daqueles que fazem as regras dentro da prisão. Para Bauman (apud MUHL 2011), com o tempo, “a sexualidade acaba mistificada como uma fonte de opressão, desigualdade, violência e abuso, tornando assim o sexo um ato racional, calculado com sobriedade, considerando todos os riscos e regras, desprovido de ilusão”. Algo distinto, no entanto, acontece em *OITNB*, pois mesmo com as punições as relações sexuais são comuns e até instigadas, uma vez que as internas fazem da proibição um estímulo. Aparecem associadas, na série, questões de gênero e sexualidade: a condição da mulher detenta nunca está descolada da sexualidade lésbica em *OITNB*, a não ser nos casos das personagens que não manifestam nenhum tipo de desejo.

Quando Judith Butler teoriza a performatividade, ela afirma que “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero” (BUTLER, 2002, p. 64). Portanto, a tendência em fixar identidades ditas apropriadas – masculinas e femininas – implica na naturalização de uma intolerância em relação à diferença que precisa ser desconstruída.

Na série, interpretada pela atriz Laverne Cox, a personagem Sophia Burset é uma transexual num mundo desinformado sobre a transexualidade. A atriz adquiriu visibilidade por ser uma das primeiras mulheres trans a interpretar uma mulher trans na ficção. Ao mostrar o corpo nu de Sophia Burset, assim como de todas as outras personagens da prisão, é possível proporcionar ao espectador a oportunidade de se familiarizar com o corpo da pessoa trans, sem cortes e sem disfarces. Na diegese, Burset havia sido casada com uma mulher antes de assumir sua identidade feminina, enquanto ainda se apresentava socialmente como homem, e tem um filho que não aceita a sua mudança de gênero. Sophia vai para a cadeia por fraudar cartões de crédito, que foram usados para custear sua cirurgia de readequação genital. Com exceção do caso de Sophia Burset, a série conduz o telespectador a entender que, para as personagens, a sexualidade nunca foi uma questão que rouba tempo ou pensamentos dentro da prisão. Boa parte das prisioneiras já teve, em algum momento de sua vida - dentro ou fora da penitenciária - alguma experiência homossexual.

A escolha das personagens que compõem esta pesquisa se dá por circunstâncias e afinidades da trama. Foram designadas quatro figuras importantes para o desenvolvimento desta problemática, que são casais que estão ou estiveram ligadas

emocional e fisicamente em *OITNB*. Elas trazem as seguintes características em relação à orientação sexual: Piper Chapman e Brook Soso se declaravam heterossexuais antes de entrarem na penitenciária (ainda que Piper tenha tido um longo relacionamento homoafetivo do qual inclusive derivou a atuação criminosa que a levou à prisão); Alex Vause e Poussey Washington já se relacionavam homoafetivamente antes da prisão. As quatro personagens formam os casais Piper e Alex e Brook e Poussey.

3 REPRESENTAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA SÉRIE

Historicamente, a homossexualidade foi vista como uma prática desviante do que seria o normal. Embora faça parte da história do mundo, o tema vem ganhando visibilidade desde os anos 60. Conforme Louro, este processo é “provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações (2000, p. 5)”.

A escolha por abordar a representação da sexualidade lésbica em *OITNB* se deu, principalmente, pela necessidade de compreender as formas através das quais a mídia constrói discursos dominantes de gênero e de sexualidade. Em primeiro lugar, o gênero, de acordo com Butler (2010, p. 59), “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Sendo assim, ser homem ou mulher não constitui uma essência interior da pessoa, e também não está ligado à interpretação cultural de um corpo sexuado: “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, defende Butler (2010, p. 25).

Louro destaca que as identidades sexuais e de gênero são construídas ao longo da vida e, por isso, acompanha Hall (1992) ao defender que a identidade é uma instável:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais [...]. O que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre

se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p. 26-27)

As questões de identidade e de gênero acabam, de certa forma, se entrelaçando ao longo desta pesquisa. Para Hall (1997, p. 33) toda prática social depende e tem relação com o significado: “consequentemente, a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural”. Neste viés, Hall afirma que nossas identidades também são construídas com base na cultura e estão vigorosamente ligadas às práticas sociais.

É possível afirmar que assim como a sociedade dita o que é aceito, ela também regula e condena atitudes que envolvem a sexualidade, principalmente a sexualidade da mulher. De acordo com Louro, as formas de fazer-se mulher ou homem e as possibilidades de viver os desejos corporais são sempre “sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas”. (LOURO, 2007, p. 4)

Ao retomar o objeto empírico deste estudo com base nos autores acima, é possível afirmar que a posição de “lesbianismo circunstancial” (segundo a qual a situação do cárcere é o que leva as mulheres a se relacionarem com outras mulheres na prisão), é uma construção sociocultural:

Tal como ocorre com a identidade de gênero, a identidade sexual não é definida simplesmente pela biologia. Ela tampouco tem qualquer coisa de fixo, estável, definitivo. A identidade sexual é também dependente da significação que lhe é dada: ela é, tal como a identidade de gênero, uma construção social e cultural. (SILVA, 2004, p. 106)

Hall, por sua vez, afirma que existem incoerências entre todas as identidades que são criadas dentro de um ser só, pois “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13). Também afirma que vivemos uma celebração móvel: “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2005, p.13).

De acordo com Weeks, a sexualidade também remete a uma série de comportamentos, crenças e relações construídas social e historicamente: “a sexualidade, embora tenha como suporte o corpo biológico, deve ser vista como uma construção

social, uma invenção histórica, pois o sentido e a importância a ela atribuída são criadas em situações sociais concretas.” (WEEKS, 1999, p. 35). O autor explica também que os interesses pessoais de cada ser humano e os diversos pertencimentos sociais são capazes de conduzir as pessoas por inúmeras direções, no entanto, “tememos a incerteza, o desconhecido, a ameaça de dissolução que implica não ter uma identidade fixa” (WEEKS, 1995, p. 89).

Neste sentido, pode-se entender o motivo pelo qual as personagens Piper Chapman e Brook Soso se declaravam heterossexuais antes de *Litchfield*. Ao temer o incerto, todas as figuras procuraram fixar identidades para evitar o que, na verdade, elas sempre foram: identidades móveis com tensões que percorrem o que é desejado. Como afirma Weeks:

O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam hétero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam. (WEEKS, 1999, p. 90-91)

É possível entender então, que tanto a sexualidade, quanto o gênero são, primeiramente, conhecimentos a respeito dos nossos corpos, das diferenças sexuais e dos indivíduos sexuais.

4 A SEXUALIDADE DAS PERSONAGENS NA TRAMA

Esta seção apresenta uma análise de trechos selecionados da série, cruzando as discussões teóricas desenvolvidas nas seções anteriores e as ferramentas de análise do audiovisual disponíveis no livro *Ensaio sobre a análise fílmica*, de Francis Vanoye e Anne Goliot-lété (2006). Os autores sugerem ao investigador, por exemplo, a indicação da situação dramática inicial da narrativa; a seleção e descrição de cenas a partir dos seus elementos materiais constitutivos (fotografia, composição, direção de arte, trilha sonora, diálogos, etc) e o desafio de oferecer uma visão sobre outras camadas das obras que não apenas aquelas que dizem respeito à linha geral do enredo e ao desenvolvimento da história. No caso desta pesquisa, como as relações entre as

personagens importa mais do que os aspectos estéticos das imagens, a análise se centra prioritariamente em diálogos extraídos das cenas escolhidas.

Em relação às personagens escolhidas para serem analisadas nesta pesquisa, lança-se um olhar sobre a representação da homossexualidade feminina em *OITNB*. No meio da primeira temporada, a protagonista, Piper Chapman, se envolve novamente com a ex-namorada Alex Vause, responsável pela sua prisão e igualmente presa em Litchfield. Em diversos momentos, a série coloca para o espectador uma aparente incoerência ou ambiguidade de Piper: como a personagem, que mantinha um relacionamento heterossexual estável antes de ser presa, pôde retomar a relação com Alex, que foi quem a denunciou à justiça e ocasionou o seu encarceramento? Há um duplo deslocamento na decisão de Piper em retomar este relacionamento, que significa a retorno de sua vivência homossexual e, ao mesmo tempo, a convivência afetiva com a pessoa que não apenas a convidou para participar de uma atividade criminosa, como também a denunciou depois.

A narrativa também constrói de forma ambígua o modo como Piper lida com a situação: ao mesmo tempo em que se mostra interessada e até apaixonada por Alex, ela também aparece em diversos momentos criando desculpas e justificativas para essa retomada de relacionamento com a antiga namorada, como se suas justificativas fizessem dela uma pessoa diferente da que era do lado fora da prisão. No 11º episódio da primeira temporada, Alex e Piper estão na capela da penitenciária, após uma companheira de cárcere ter morrido de overdose, e então Piper convida as detentas a organizar um funeral e ninguém comparece. Chapman desabafa com Vause (ver imagem 1):

Piper: Por favor, Alex, você pode parar de fingir que nada aconteceu?

Alex: Você não pode forçar as pessoas a lamentar só para se sentir melhor.

Piper: Não é o que eu estou fazendo.

Alex: Sério? Eu acho que nós duas sabemos que lidar com caos emocional não é uma de suas maiores virtudes. É por isso que não estamos tendo um caso, só estamos sendo humanas. (ORANGE..., 2013)



Imagem 1

À esquerda: Alex e Piper conversam na capela

À direita: Alex e Piper estão deitadas no dormitório da prisão

Fonte da imagem: impressão de tela da série no site netflix.com.br

Ao fazer tal afirmação, Alex Vause está tomando uma posição irônica e utilizando o que Piper Chapman usa como desculpa para tornar “racional” o seu envolvimento com Alex, que nesta fase da série ainda tem um noivo fora da prisão, Larry. No início da narrativa, é possível afirmar que Piper Chapman realmente acredita no lesbianismo circunstancial que o personagem Sam Healy reforça. Chapman tem convicção de que a prisão não é o lugar dela e faz questão de deixar claro que um dos únicos motivos pelos quais ela se relaciona sexualmente com Vause seria o fato de que os seres humanos se relacionam por razões mais de ordem biológica/natural do que afetiva.

No sexto episódio da terceira temporada, as personagens Poussey Washington e Taystee conversam no refeitório após Poussey descobrir que um esquilo roubava a sua bebida (chamada de “maria-louca”, a bebida alcóolica era enterrada no pátio da penitenciária para que os seguranças não encontrassem). A personagem diz que se mantém embriagada para aguentar a pressão que é estar dentro de uma prisão:

Poussey: Este lugar está acabando comigo. Não preciso de plateia para falar. Preciso de uma namorada, uma namorada de verdade. Entende? Eu preciso de amor.
Taystee: Sim... (ORANGE..., 2015)

Nesse sentido, pode-se compreender que a situação de lesbianismo circunstancial é uma teoria inventada por Sam Healy para mascarar a sua homofobia. Poussey cita que precisa de amor, que precisa de uma companheira, dando a entender que não se trata apenas de sexo, mostrando que ela gostaria de ter alguém com quem dividir o peso que é estar presa e de ter um relacionamento afetivo de fato. Alguns

episódios depois, Brook Soso entra em Litchfield e as duas começam uma amizade, que logo se desdobra em um namoro dentro da prisão.

Existem similaridades quando a série constrói a representação de mulheres que se identificavam como heterossexuais antes de entrar na prisão, mas que desenvolveram laços homoafetivos dentro dela. A personagem Brook Soso, heterossexual fora da prisão que engata um relacionamento com a homossexual Poussey Washington, é um desses casos. Soso cresceu de acordo com um estereótipo asiático: tinha que ser melhor em tudo. Ao chegar em Litchfield, foi excluída e negada por quase todos os grupos formados. Por não saber lidar com a rejeição e diante da falta de amigos dentro da prisão, Soso tenta o suicídio com remédios e é salva por Poussey e pelas personagens Taystee e Crazy Eyes, virando uma exceção e sendo aceita no grupo das mulheres negras.



Imagem 2

À esquerda, Brook conversa com outra detenta

À direita, Poussey e Brook conversam no pátio da prisão

Fonte da imagem: impressão de tela da série no site netflix.com.br

No episódio seis da quarta temporada, Brook e Poussey estão no espaço que a detentas utilizam para tomar banho e a personagem se preocupa com o fato de não retribuir o sexo oral que Poussey faz:

Poussey: Tudo bem?

Brook: Você se incomoda que eu nunca...

Poussey: Não, garota. Está tudo bem.

Brook: Mas é tão unilateral

[...]

Poussey: Veja bem, vamos pegar leve. Não precisa fazer nada que não queira. Quando você estiver pronta, você estará. (ORANGE..., 2016)

No mesmo episódio, horas mais tarde, Poussey está na biblioteca quando é surpreendida por Brook ao tentar tirar sua roupa. Poussey diz que não quer que a parceira se sinta obrigada a fazer sexo oral, mas gostaria muito que ela desejasse fazer. Então Brook justifica sua atitude dizendo que não quer estragar a relação das duas. Nessa cena, a série aponta que Brook Soso realmente tem dificuldade em entender os sentimentos que nutre por sua namorada. A personagem faz questionamentos quanto ao seu desejo sexual pela parceira. Em momento posterior ao do diálogo destacado, pode-se perceber que Brook, assim como Piper, ainda tenta resgatar o seu modo de vida heterossexual de antes da entrada da prisão. Soso pergunta para a namorada, por exemplo, o que aconteceria caso ela nunca estivesse “pronta” para lhe fazer sexo oral e o que aconteceria quando ambas fossem soltas; também comenta que não tem certeza de que esse tipo de relação seria suficiente para sua felicidade, no âmbito da satisfação sexual.

A relação de Poussey e Brook está intimamente ligada ao pensamento de Weeks (1999): Brook parece ter medo de lidar com o seu desejo. Ao fazer este tipo de questionamento, a personagem mostra que ainda está inserida nas convenções sociais do que é o sexo. Mesmo tendo afeto por sua companheira, ela sabe que Poussey é mulher e que dentro dos discursos que normatizam o sexo, ela deveria se relacionar com homens e seguir as “verdades reguladoras” que são socialmente impostas a ela.

Por outro lado, a série mostra Poussey como uma jovem decidida e sem medo de se entregar ao que deseja. No mesmo trecho, para finalizar sua conversa com a namorada, Poussey fala para Brook que ela não pode viver com medo das possibilidades. O medo de Brook Soso e Piper Chapman em assumir sua sexualidade vem de encontro ao que Bauman (apud MUHL 2011) teoriza ao afirmar que o sexo é um ato racional e calculado. Ambas se mostram – mesmo que no cárcere – incomodadas com o que os outros possam pensar de suas relações dentro da penitenciária.

Em diversos momentos ao longo da série, Piper Chapman culpa Alex Vause por sua prisão. Na segunda temporada, no primeiro episódio, Alex e Piper são convocadas a testemunhar no caso de Kubra Balik, o chefe do cartel de drogas com o qual ambas estiveram envolvidas. Ele foi extraditado e a polícia estava refazendo alguns passos do criminoso. Elas precisavam testemunhar, mas Alex pede para que Piper minta em seu depoimento, causando perjúrio, outro crime inafiançável. Dentro do furgão, indo para o julgamento, elas conversam (ver imagem 3):



Imagem 3

À esquerda, Alex e Piper conversam no furgão policial.

À direita, Piper testemunha contra Kubra Balik

Fonte da imagem: impressão de tela da série no site netflix.com.br

Piper: Não sei se consigo fazer isso

Alex: O que?

Piper: Meu advogado falou que Kubra será preso da mesma maneira

Alex: Você não ouviu nada do que eu disse?!

Piper: Quando me disse que nada ruim aconteceria?

Alex: Precisamos entrar unidas nessa. Não é hora de ter moral elevada.

Piper: Parece que só enfrento essas escolhas morais extremas quando estou do seu lado.

[...]

Piper: Alex, eu preciso fazer a coisa certa, só para variar.
(ORANGE..., 2014)

Enquanto a personagem Alex está preocupada com a sentença após o julgamento, Piper se mostra arrependida por ter iniciado um romance com Vause. No momento em que a protagonista afirma que ela só enfrenta escolhas morais extremas ao lado de Alex, o telespectador logo pressupõe que Piper estaria falando sobre o crime que cometeu há dez anos, mas ao longo da série é perceptível que a personagem se importa apenas com o que sua família, pais e detentas pensam sobre seu relacionamento com Alex, encarando o crime como um erro banal perto do fato de ser lésbica.

Antes de entrar na prisão, Piper era noiva de Larry Bloom. Na segunda temporada, no segundo episódio, após Larry descobrir que sua noiva havia retomado o relacionamento com Alex Vause em Litchfield, ele conversa com seu pai:

Larry: A prisão muda as pessoas

Howard: Sim, muda.

Larry: Ela não era lésbica quando estava comigo, foi só passar umas semanas na cadeia que “boom”, lésbica de novo. (ORANGE..., 2014)

Larry também cogita a possibilidade de que ele tenha um desempenho sexual ruim, tentando legitimar o fato de que Piper “virou lésbica” por algum motivo que não seja o seu desejo e afeto por pessoas do mesmo sexo. Pode-se explicar o comportamento de Piper assim como Hall (2006) teoriza que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos da vida e que essas identidades não giram em torno de um “eu coerente”. Ou seja, Piper tentou agradar a todos quando começou um relacionamento com Larry e seguiu os conselhos de sua mãe ao “deixar os erros no passado”. A família de Piper sempre se referiu ao relacionamento homossexual da personagem como uma “fase”, com a certeza de que ela estava ciente dos seus “erros”. Assim como Piper, os seus pais e avós sempre acreditaram que seu pior crime era ser lésbica e não traficar drogas para um cartel internacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de *OITNB* traz ao telespectador um emaranhado de situações que são consideradas “polêmicas” no nosso tempo. As questões de gênero e sexualidade na série estão bastante associadas e são trazidas, por exemplo, com a desvalorização dos personagens masculinos, a falta de erotização dos relacionamentos homossexuais dentro da prisão e a maneira como as personagens que se diziam heterossexuais antes de serem presas se justificam em relação ao engajamento homossexual que passam a ter, mostrando seus questionamentos e dúvidas. Em nenhum momento, a produção procura incentivar o fetiche masculino em relação à lesbianidade. O comportamento de Piper encontra eco na teoria de Louro (1997), para quem não é possível fixar um momento da vida em que a identidade sexual é estabelecida.

A construção inicial da personagem protagonista, Piper Chapman, é feita da seguinte forma: branca, classe média e notavelmente dentro dos padrões que são impostos pela e para a sociedade. O fato de Piper criar argumentos para justificar a sua relação com Alex Vause mostra que a protagonista construiu sua identidade com base na cultura e em suas práticas sociais. Dentro da prisão, Piper transmite para o telespectador que só está namorando Alex porque ambas são humanas e necessitam deste contato, tanto físico, quanto emocional. Ela se sente culpada por ser lésbica e por ter retomado seu relacionamento com a ex-namorada.

Apesar de a narrativa passar dentro de uma prisão, para uma das personagens estudadas – Piper Chapman - a questão de ser lésbica é muito mais forte e presente em sua vida do que o tráfico de drogas que a levou ao cárcere.

Na construção da personagem Brook Soso foram utilizados elementos que transmitem ao espectador a impressão de que Brook sempre foi uma pessoa de personalidade carente e que era forçada a ser o melhor que poderia ser em todos os aspectos de sua vida. A partir do momento em que ela consegue mostrar a verdadeira Brook para Poussey Washington, descobre que existe a possibilidade de que alguém tenha afeto por ela sem que tenha que induzir essa relação fazendo o que lhe pedem.

Ao escolher as personagens, semelhanças foram encontradas no decorrer deste estudo. Piper Chapman e Brook Soso tinham diferentes posições acerca de suas respectivas sexualidades antes de entrarem na prisão de Litchfield. Mas é possível entender que tais posições, assim como afirma Hall (1997), se entrelaçam com a forma como as personagens se identificam e por isso são celebrações móveis, ou seja, a identidade não é fixa, o que explica a condição, as dúvidas e os questionamentos de Piper Chapman e Brook Soso sobre suas orientações sexuais.

Deste modo, a heterossexualidade antes da prisão e as relações lésbicas lá dentro fazem com que o personagem Sam Healy pense que está certo ao afirmar que o “lesbianismo circunstancial” existe, pois a relação entre homem e mulher está dentro do que é imposto e seguido como “normal” pela sociedade. Percebe-se então que esse julgamento é uma forma de mascarar o preconceito contra a sexualidade das detentas: para Healy, ninguém é homossexual a não ser por um motivo de força maior (neste caso, o cárcere).

Um dos principais eixos da série OITNB é a sexualidade e também as inquietações das detentas, no entanto, a narrativa não explora muito as cenas de sexo entre elas. A falta de cenas sexuais mais explícitas e as hesitações das personagens escolhidas para este estudo sugerem uma forma de aproximação criada pela autora que evita a fetichização das relações lésbicas (tão comum nas mídias), e também que desafia com sutileza e nuances o público em relação a um tema considerado socialmente polêmico.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras. Uma antología de estudios queer**. Barcelona: Icária Editorial, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VANOYE, Francis, GOLIOT-LÈTÈ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, 2007.